

# Editorial

## Saúde Mental durante pandemia por COVID-19

Marco Orsini

*Médico e Professor Adjunto da Universidade de Vassouras e Universidade Iguazu*

*Editor Científico da Revista de Saúde*

O Brasil já soma mais de 300.000 mortes contabilizadas pela infecção por SARS-COV-2, sendo o recorde alcançado no dia 23/03/2021 com 3.251 óbitos. Uma curva avassaladora em termos de crescimento e morbi-mortalidade. É, indubitavelmente, um gráfico que nos assusta em diversos aspectos, dentre eles na “agudização” dos danos psíquicos. Além dos impactos emocionais visíveis as nossas mareadas pupilas, somam-se a medíocre gestão da escassez dos sistemas de saúde e a pífia condução de tal “urgência sanitária”. Complexos questionamentos individuais e coletivos fazem-nos não mais acreditar que a infecção pelo vírus SARS-COV2 não é um simples resfriado. Na verdade isso nunca ocorrera na prática. Creio que se a lâmpada estivesse por ser lançada no Brasil seria prontamente proibida pela pressão dos fabricantes de vela e pedaladas políticas. A inseqüência levou à milhares de mortes e danos mentais irreparáveis. Sequelas essas que serão carreadas por gerações, cicatrizes psíquicas e feridas agudas que todos nós guardaremos em nossos corações e sistema límbico.

Inúmeros pacientes nos questionam diariamente sobre a eficácia das vacinas, os tais grupos de risco, os novos medicamentos, as possibilidades de contágio e os episódios de pânico, depressão, angustia, ansiedade, medo, pavor – ou seja – tudo que faz alusão ao medo de morrer e/ou perder alguém, próximo ou distante, mas que possui valor. Por falar em “valores”, o Brasil encontra-se muito precário no quesito empatia, amor e união. Vê-se que, na saúde mental, mais do que em qualquer outro campo, há necessidade de modular soluções práticas gerenciadoras de uma crise que se encontra num nadir. Estamos todos vulneráveis.

O termo vulnerabilidade se apresenta como uma condição intrínseca de um indivíduo ou grupo, inerente e/ou adquirida, que diante de uma ameaça/evento traumático, gera um transtorno. Assim, como todo e em qualquer desastre biológico de grande monta, é natural que pânicos, medos, incertezas e estigmatização se tornem emergentes. Só posso dizer-lhes que por hora, nesse exato minuto, existe firmada uma perturbação psicossocial que pode ultrapassar a nossa capacidade de resiliência. Não existe fala entre o povo, as autoridades sanitárias tampouco o poder público. O nosso povo merecia ser cuidado...

**Vassouras, março de 2021.**